

**YOVEL, Yirmiyahu. *Kant's Philosophical Revolution:*  
A Short Guide to the Critique of Pure Reason.  
New Jersey: Princeton University Press, 2018, 113 p.**

Yirmiyahu Yovel em seu *Kant's Philosophical Revolution* traz uma breve, mas densa, introdução *Crítica da Razão Pura* de Kant. Yovel tem entre suas publicações o célebre *Kant and the Philosophy of History* (1980) e também sua tradução da *Crítica* para o hebraico, da qual o presente texto é uma versão expandida e sistematizada do prefácio.

Na primeira e mais breve parte da obra (p. 1-15) Yovel trata de “preparar o terreno”. Com efeito, esclarece que a revolução kantiana se trata basicamente de repensar o conceito objeto, ou ainda, o ser objetivo e a relação deste com o pensamento. Com Kant, o objeto perde sua independência metafísica. Deste modo, Kant pretende fornecer um novo fundamento para as ciências, inclusive as matemáticas, e a questão guia é “o que torna sua validade possível?” (p. 3, traduções nossas). Se a ciência é um produto humano, ele será mensurado pela constituição de nossa razão. Assim, uma *Crítica da Razão* se faz necessária, como uma espécie de Juíza de si que ditará seus próprios limites. Enfim, o “ser humano não é racional em separado de sua finitude; antes, sua razão é finita e sua finitude racional” (p. 7). Ainda na primeira do livro, Yovel fornece um esboço da revolução copernicana operada por Kant na filosofia, apontando um limite da razão: não há intuições intelectuais. A intuição se restringe aos sentidos, pois é “empírica e a posteriori” (p. 9). Nesse sentido, nosso autor chama atenção para especificidade do vocabulário kantiano que, não por acaso irá distingui-lo daqueles que ele chamava os dogmáticos, se referindo em especial a Leibniz, e daqueles que Kant chamava os céticos, os empiristas da esteira de Hume.

A segunda seção, que ocupa o restante do livro (p. 21-104), tem por título, em tradução livre, “Seguindo o Argumento de Kant”. Aqui entramos uma exposição surpreendentemente completa, levando em conta o reduzido número de páginas, dos argumentos de Kant na *Crítica da Razão Pura*. A seção se inicia discorrendo acerca da introdução da *Crítica* e as definições que ela traz, como de a priori e de a posteriori, a distinção entre juízos analíticos e sintéticos, bem como a afirmação de que proposições matemáticas são sintéticas. Além disso, é na introdução que se coloca a questão sobre a possibilidade de juízos analíticos sintéticos (p. 21). A seguir, trata-se da estrutura do livro, observando um fenômeno recorrente: escritores tendem a ser econômicos no início e ao longo das páginas as seções vão se avolumando. Com efeito, chega-se a *Estética Transcendental*.

Neste passo Yovel começa suas reconstruções dos argumentos de Kant. O primeiro, segundo a ordem da *Crítica*, é a prova que o espaço é a intuição externa, e não um conceito transcendental ou objeto. Em primeiro lugar, não podemos “derivar por generalização indutiva de uma variedade de espaços locais” o espaço absoluto, pois o espaço absoluto seria ele mesmo anterior e constitutivo dessa representação (A23/B38). Em segundo lugar, não podemos pensar de todo a ausência de espaço: “podemos abstrair mentalmente todos os objetos de nossa experiência espacial, mas somos incapazes de abstrair da representação o próprio espaço” (p. 32). Enfim, ele não pode ser um conceito universal como o conceito de baleia que aplicamos, por exemplo, tanto para Willy como para Moby Dick, pois isto suporia “sobre si uma pluralidade de itens diferentes, dos quais a representação de espaço não admite vários distintos espaços, apenas muitas partes (regiões) homogêneas do mesmo espaço singular” (p. 33). Imitando a própria *Crítica*, o argumento se dá de forma análoga.

Ao expor os argumentos, Yovel não se furta em trazer trechos-chaves e as tabelas da *Crítica*. Ainda neste *Kant's Philosophical Revolution*, há uma exposição da *Lógica Transcendental* (p. 36), tanto analítica quanto dialética (p. 37), a própria

*Análitica dos Conceitos* (p. 38), onde se encontra a distinção do *quid facti* e *quid juris*, e mais detidamente trata da *Dedução Transcendental* (p. 45), expondo tanto o argumento progressivo, quanto o argumento regressivo de Kant (p. 55-61). Ambos estes argumentos são contrapostos e ao mesmo tempo inspirados por Hume.

Enfim, em poucas páginas *Kant's Philosophical Revolution* trata de um leque de tópicos impressionante, que vai destes os mais iniciais que falamos acima, até os *Paralogismos da Razão Pura* (p. 91). Devido ao caráter de guia introdutório, o livro não discute nem sua própria interpretação nem da literatura secundária. As reconstruções dos argumentos podem parecer para alguns (kantianos exigentes, por exemplo) simplificadas ou ligeiras. Não obstante, é um excelente livro para se começar um estudo sério da obra de Kant, ou ainda, como instrumento de pesquisa, pois além de ser compacto e abrangente, conta com índice remissivo, algo não muito comum em livros desse tamanho.

Gionatan Carlos Pacheco

PPG-FIL Universidade Federal de Santa Maria

## Referências

YOVEL, Yirmiyahu. *Kant's Philosophical Revolution: A Short Guide to the Critique of Pure Reason*. New Jersey: Princeton University Press, 2018, 113 p.

Email: gionatan23@gmail.com

Recebido: 06/2020

Aprovado: 04/2022